

REPORTAGEM ESPECIAL

Planejamento para a longevidade começa muito antes da aposentadoria

Ana Esteves*

Especial para o JC

A aposentadoria deixou de ser uma preocupação de longo prazo para se tornar um tema cada vez mais presente entre os brasileiros que chegam aos 50 anos de idade e que terão de custear mais anos de vida, sem a renda do trabalho. Nessa entrevista concedida com exclusividade ao Jornal do Comércio, a planejadora financeira Carla Rossi defende que esse cenário exige uma mudança de comportamento: revisar constantemente o planejamento financeiro e abandonar a busca por ganhos rápidos em investimentos de alto risco.

Empresas & Negócios – O aumento da expectativa de vida faz com que muitas pessoas precisem sustentar uma aposentadoria de 20, 30 ou mais anos. O que muda no planejamento financeiro quando alguém chega aos 50 anos?

Carla Rossi – Os 50 anos costumam ser o momento em que as pessoas passam a olhar com mais atenção para o patrimônio construído e passam a pensar de que forma ele garantirá renda na aposentadoria. Ao mesmo tempo, algumas despesas típicas do início da vida adulta deixam de existir, como gastos com educação dos filhos, faculdade ou financiamento imobiliário. Em contrapartida, aumentam os custos com saúde, principalmente com planos de saúde, exames e tratamentos. O ideal é que o planejamento financeiro seja revisto continuamente ao longo da vida. Quem faz isso não precisa promover grandes mudanças aos 50 anos, apenas ajustar a estratégia conforme a realidade muda.

E&N – Ainda é possível recuperar o tempo perdido para quem chega aos 50 anos sem uma reserva financeira?

Carla – O melhor momento para começar foi há 20 ou 30 anos, mas o segundo melhor momento é agora. Quem inicia cedo aproveita melhor o efeito dos juros compostos, mas isso não significa que quem chegou aos 50 anos sem patrimônio esteja condenado. Sempre digo que algum investimento é melhor do que nenhum. O importante é começar imediatamente e construir uma estratégia com-

patível com a realidade financeira da pessoa.

E&N – Qual deve ser a prioridade para quem nunca conseguiu se organizar?

Carla – Primeiro, colocar o orçamento em ordem, depois, garantir a contribuição ao INSS, principalmente no caso dos trabalhadores autônomos. A aposentadoria pública talvez não seja suficiente para manter o padrão de vida, mas representa uma renda vitalícia importante. A partir daí, o ideal é criar o hábito de investir regularmente, mesmo que os aportes iniciais sejam pequenos.

E&N – Muitos brasileiros procuram investimentos de alta rentabilidade para recuperar o tempo perdido. Esse caminho faz sentido?

Carla – Não. Esse é um dos maiores equívocos que vejo. Rentabilidade sempre está associada a risco e muitas pessoas acreditam que precisam encontrar um investimento que renda muito para compensar o tempo perdido, quando, na verdade, o patrimônio é construído pela disciplina de investir regularmente. Hoje vemos pessoas tentando enriquecer por meio de apostas ou aplicações extremamente arriscadas e isso não constrói patrimônio, pelo contrário, aumenta a chance de perder o que foi acumulado durante anos. Existem investimentos bastante seguros e com rentabilidades interessantes, como títulos públicos e outras aplicações de renda fixa. Não faz sentido correr riscos elevados quando o objetivo é financiar a aposentadoria. Principalmente para quem está próximo de utilizar esse dinheiro. Quanto menor o tempo para recuperar uma eventual perda, maior deve ser o cuidado com a preservação do patrimônio.

E&N – Como calcular quanto será necessário para manter o padrão de vida depois da aposentadoria?

Carla – Existe uma regra bastante utilizada no planejamento financeiro baseada na retirada anual de aproximadamente 4% do patrimônio. De forma simplificada, basta multiplicar o custo mensal de vida por 300. Quem pretende manter uma renda de R\$ 10 mil por mês precisaria construir um patrimônio próximo de R\$ 3 milhões para retirar esse valor de forma sustentável



CARLA ROSSI/ARQUIVO PESSOAL/JC

Carla destaca a importância da disciplina e de iniciativas seguras

ao longo da aposentadoria, preservando o patrimônio no longo prazo. É um cálculo aproximado, mas ajuda as pessoas a visualizar o tamanho do desafio.

E&N – Muitas pessoas acreditam que a aposentadoria do INSS será suficiente para manter o padrão de vida. Essa percepção corresponde à realidade?

Carla – O INSS é fundamental, mas dificilmente será suficiente para quem deseja manter o mesmo padrão de vida da fase ativa. Hoje existe um teto de benefício e muitas pessoas contribuem sobre salários superio-

res a esse valor. Quando a aposentadoria chega, ocorre uma redução importante da renda, por isso, quem ganha acima do teto precisa pensar desde cedo em uma fonte complementar de recursos. Se a pessoa pretende viver com R\$ 10 mil por mês e sabe que receberá cerca de R\$ 8 mil do INSS, por exemplo, basta construir patrimônio suficiente para gerar os R\$ 2 mil restantes. Isso torna a meta muito mais clara.

E&N – Quais despesas tendem a aumentar depois dos 60 anos e precisam entrar nessa conta?

Carla – Os custos com saúde costumam crescer de forma significativa, pois os planos de saúde ficam mais caros, aumenta a necessidade de exames, consultas e medicamentos e podem surgir despesas inesperadas. Além disso, muitas pessoas acreditam que gastarão menos depois da aposentadoria, mas isso nem sempre acontece. Existe um conceito da psicologia econômica chamado adaptação hedônica que fala que nos acostumamos ao padrão de vida que construímos. Quem

passou décadas vivendo com determinado nível de consumo dificilmente conseguirá reduzir os gastos pela metade, apenas porque deixou de trabalhar. Se a pessoa pretende viajar mais ou aproveitar o tempo livre, o custo pode até aumentar.

E&N – Como proteger o patrimônio da inflação em uma aposentadoria que pode durar três décadas?

Carla – A estratégia depende da realidade de cada investidor, mas, de forma geral, faz sentido priorizar aplicações atreladas ao CDI ou à inflação, como títulos indexados ao IPCA. Esses investimentos ajudam a preservar o poder de compra ao longo do tempo. Já aplicações prefixadas exigem mais cautela, porque ninguém sabe qual será o comportamento da inflação ou dos juros nas próximas décadas. Quando falamos de aposentadoria, estamos planejando um horizonte de 30 ou 40 anos, e não apenas o cenário econômico atual.

E&N – Que cuidados quem está próximo da aposentadoria deve ter em relação ao INSS?

Carla – O primeiro passo é acessar o aplicativo Meu INSS e conferir se todas as contribuições foram registradas corretamente, principalmente as mais antigas. Também vale a pena buscar orientação especializada quando a pessoa teve diferentes vínculos de trabalho ao longo da vida, alternando períodos como autônomo, empregado ou contribuinte individual. Em alguns casos, uma estratégia adequada de contribuições nos últimos anos pode melhorar o valor do benefício.

E&N – Além da organização financeira, quais outros fatores precisam ser considerados para uma aposentadoria tranquila?

Carla – Saúde é um deles, pois quem tem plano de saúde precisa prever esse custo no orçamento e quem depende do SUS deve conhecer a estrutura disponível na cidade onde vive. Também considero importante conversar com a família sobre dinheiro, pois muitos pais continuam comprometendo a própria aposentadoria para ajudar filhos adultos. É uma decisão compreensível do ponto de vista emocional, mas que pode gerar uma dependência ainda maior no futuro.



O importante é começar imediatamente e construir uma estratégia compatível com a realidade financeira da pessoa